

HAITIANOS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E SUAS NARRATIVAS SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS BRASILEIRAS

HAITIANS IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION AND ITS NARRATIVES ON BRAZILIAN RACIAL RELATIONS

Bruna Ribeiro Troitinho | Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFSM. Membro dos grupos de pesquisa Estudos Contemporâneos e Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional.

Orcid: [0000-0002-8178-9319](https://orcid.org/0000-0002-8178-9319)

E-mail: brunari.troitinho@gmail.com

Maria Clara Mocellin | Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil

Doutora em Ciências Sociais e professora do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Membro dos grupos de pesquisa Estudos Contemporâneos e Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional.

Orcid: [0000-0002-4731-9460](https://orcid.org/0000-0002-4731-9460)

E-mail: claramocellin@gmail.com

Resumo

O presente artigo discute as narrativas sobre as relações raciais brasileiras de estudantes haitianos, tendo como espectro explicativo suas trajetórias. Com base na pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2017 e 2018, a qual definiu como universo de pesquisa os alunos haitianos ingressantes deste período, foram entrevistados sete estudantes na Universidade Federal de Santa Maria, com o objetivo de entrelaçar suas perspectivas sobre as relações raciais brasileiras com suas trajetórias. A pergunta norteadora da pesquisa é: quais são as interpretações dos estudantes haitianos sobre as relações raciais no Brasil e como eles elaboram essas interpretações? Os interlocutores desta pesquisa apresentam interpretações que minimizam as experiências de racismo no Brasil quando comparadas à experiência da diáspora anterior à chegada ao Brasil. Justificam essa postura pela sua história de resistência haitiana, bem como pelas suas perspectivas de vida na obtenção do diploma de ensino superior.

Palavras-chave: estudantes haitianos, imigração haitiana, relações raciais no Brasil.

Abstract

This article discusses the narratives about the Brazilian race relations of Haitian students, using their trajectories as an explanatory spectrum. Based on the ethnographic research carried out between 2017 and 2018, which defined Haitian students entering this period as the research universe, seven students were interviewed at the Federal University of Santa Maria, to intertwine their perspectives on racial relations Brazilian companies with their trajectories. The research's guiding question is: what are the interpretations of Haitian students about race relations in Brazil and how they elaborate these interpretations? The interlocutors of this research present interpretations that minimize the experiences of racism in Brazil when compared to the experience of the diaspora before arrival in Brazil. They justify this stance by their history of Haitian resistance, as well as by their life prospects in obtaining a higher education diploma.

Keywords: Haitian students, Haitian immigration, racial relations in Brazil.

Introdução

O presente artigo é resultado de proposições analíticas da etnografia intitulada “O caminho certo é a escola, é nossa porta de saída: perspectivas e trajetórias de haitianos na UFSM”¹. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar as interpretações de estudantes haitianos sobre as relações raciais no país. Com base nos diálogos realizados com os estudantes durante o trabalho de campo, perceberam-se dois elementos essenciais para compreender as interpretações dos estudantes acerca desse tema: a

¹ Produzida como pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

memória coletiva sobre a Independência Haitiana e a experiência da diáspora anterior à chegada no Brasil.

A diáspora haitiana² é um fenômeno constitutivo da identidade haitiana³ e, segundo dados do Ministério de Haitianos Residentes no Exterior (Mhave), são aproximadamente 5 milhões de haitianos espalhados pelo mundo. Esse número é o resultado dos fluxos migratórios do século XX, consequência das desestabilizações político-sociais justapostas aos interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos na região. O maior fluxo migratório foi o da década de 1960, resultante das ditaduras de François e Jean-Claude Duvalier, cujo fenômeno do *boat people*⁴ teve o seu auge em 1980.

O Brasil tornou-se uma janela de oportunidade para a diáspora haitiana a partir dos grandes eventos sediados no país (a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016), que impulsionaram o setor de construção civil, o que abriu oportunidades de emprego. No Brasil, entre 2011 e 2013, a concentração desta migração ocorreu nas regiões que mais tinham ofertas de emprego: a Sudeste e a Sul, sendo o estado de São Paulo o que mais recebeu, seguido de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (UEBEL, 2015).

Durante esse período, no Rio Grande do Sul, as cidades que mais receberam imigrantes foram Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Lajeado, impulsionadas pela busca de mão de obra para a indústria e a construção civil em vagas que os nacionais não desejavam ocupar (DIEHL, 2017). Segundo os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2007 e 2014, os principais grupos de migrantes no

² Por diáspora haitiana entende-se a geografia da mobilidade haitiana a partir de autores como Anglade (1982), Brodwin (2003) e Zacaïr e Reinhardt (2010).

³ Na presente pesquisa, compreende-se identidade haitiana a partir dos autores haitianos Handerson, (2015) e Hurbon (1987).

⁴ Fenômeno ocorrido entre 1977 e 1981, quando um grande fluxo de migração haitiana clandestina foi para os Estados Unidos, lançando-se ao mar em barcos pouco equipados. Muitos haitianos morreram na travessia, seja pelos naufrágios ocasionados por problemas técnicos ou aqueles provocados pelas autoridades estadunidenses. De acordo com Stepick (1982), a maioria dos migrantes do fenômeno *boat people* eram pobres e da zona rural haitiana que buscavam melhores condições.

estado do Rio Grande do Sul eram da América do Sul (os países fronteiriços), Europa e Estados Unidos. O Haiti aparece nesses dados em décimo lugar.

A cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, conhecida como “cidade universitária” pelo grande fluxo de estudantes, não atraiu os imigrantes haitianos como as demais cidades gaúchas citadas acima. Entretanto, com a Resolução nº 041/2016, que instituiu o Programa de Acesso à Educação Técnica e Superior da UFSM para Refugiados e Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade⁵, uma quantidade significativa de haitianas foi atraída para a cidade com a esperança de alcançar o ensino superior. A Resolução entrou em vigor no ano de 2017 e entre os ingressos - do segundo semestre daquele ano e o primeiro de 2018 - foram um total de 53 estudantes, refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade. Desse total, 29 são estudantes haitianos, os quais participaram direta e indiretamente da realização da presente pesquisa. Em relação ao sexo dos ingressantes, até 2018 eram apenas 11 mulheres, entre elas quatro eram haitianas.

Os sujeitos diretos desta pesquisa são sete estudantes haitianos com idades entre 25 e 38 anos, identificados por nomes fictícios, a fim de resguardar suas identidades. Tendo em vista que o presente artigo possui um espaço reduzido para explorar as trajetórias de cada um desses interlocutores, serão apresentadas apenas duas a fim de contextualizar. Selecionamos Timas e Josaphat porque representam dois contextos diferentes do grupo pesquisado. O primeiro é um jovem, solteiro, sem responsabilidade com as remessas financeiras para a família no Haiti e não chegou a ingressar no mercado laboral brasileiro. O segundo é casado, mais velho, com responsabilidades de remessas financeiras para a família, ingressou no mercado laboral brasileiro e trouxe sua companheira para o Brasil. Destacamos que Faustin era o único dos casados cuja esposa também estava inserida na universidade. A seguir, apresentamos brevemente o perfil dos sete interlocutores principais desta pesquisa.

⁵ Conforme a Resolução UFSM nº 041/2106, o imigrante em situação de vulnerabilidade é o portador do visto humanitário ou permanente por razões humanitárias, emitido pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg).

Tabela 1 – Dados dos interlocutores da pesquisa

Nome	Curso	Idade	Lugar de origem	Estado civil	Situação jurídica	Ingresso na UFSM	Período no Brasil
Brunel	Direito	27	Jerémie	Solteiro	Visto Humanitário	2017.2	5 anos
Louverture	Relações Internacionais	28	Gonaives	Casado	Visto Humanitário	2018.1	5 anos
Josaphat	Economia	38	São Luís do Sul	Casado	Visto Humanitário	2017.2	5 anos
Faustin	Estatística	37	São Luís do Sul	Casado	Visto Humanitário	2017.2	5 anos
Joan Luck Joseph	Engenharia da Computação	25	Ilha de La Gonave	Solteiro	Visto Humanitário	2017.2	4 anos
Timas	Enfermagem	25	Ilha de La Gonave	Solteiro	Visto Humanitário	2017.2	4 anos
Jean Max-Júnior Bendi	Relações Internacionais	26	Cabo Haitiano	Solteiro	Visto Humanitário	2018.1	3 anos

Fonte: os próprios participantes. Elaborada pelas autoras, 2018.

Dentre os interlocutores, nenhum deles era natural da capital, Porto Príncipe. Contudo, por conta do desejo de estudar, foram obrigados a migrar para a cidade em busca da oportunidade de cursar o ensino superior. Portanto, imigração e educação são duas variáveis que se entrelaçam nas trajetórias de todos os interlocutores dessa pesquisa.

O primeiro é Timas, de 25 anos, natural da Ilha de La Gonave, estudante de enfermagem, mas que veio à universidade com o objetivo de cursar medicina. O pai de Timas viveu alguns anos no território francês de Guadalupe e depois se estabeleceu na França, enquanto a família permaneceu no Haiti sustentando-se com as remessas enviadas por ele. Timas dispôs, portanto, de oportunidade para cursar o ensino básico em escolas privadas⁶, conseguiu terminar no tempo certo o ensino médio e ingressar em bioquímica na Universidade do Estado do Haiti (UEH) e medicina na Universidade Quisqueya, ambas

⁶ O sistema educacional haitiano perpetua desigualdades e a formação baseada em classes econômicas (JOINT, 2008), pois cerca de 85% do ensino básico é da rede privada. O setor público precário de recursos humanos e estruturais não consegue ofertar ensino de qualidade e para todas as crianças nos dois primeiros ciclos de ensino (equivalente à educação infantil e ao ensino fundamental), que são obrigação do Estado desde a reforma Bernard de 1987 (HAITI, 2011).

sediadas em Porto Príncipe, objetivando juntar-se ao pai na França. Entretanto, no mesmo dia do vestibular de Timas para medicina, o pai faleceu na França. Decidido a buscar um futuro melhor, juntou as economias da família e veio para o Brasil, mesmo a contragosto dos familiares devido ao alto custo do visto e da viagem. Ingressou em 2014 na Faculdade da Serra Gaúcha em enfermagem. Depois, através do Pró-Haiti⁷, foi para Universidade Federal da Fronteira Sul, em Chapecó - SC, no mesmo curso. Optou pela UFSM com a ideia de alcançar o tão sonhado curso de medicina. Tendo em vista a dificuldade de ingressar neste curso na UFSM, em 2019 Timas decidiu se inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e conseguiu a vaga na Universidade Federal da Bahia em medicina.

Por outro lado, trago a trajetória de vida Josaphat de 38 anos, natural de São Luís do Sul, morador da zona rural haitiana. Proveniente de uma família com poucos recursos, Josaphat estudou todo o ensino básico na rede pública, e enquanto esteve com os pais, trabalhou na pequena propriedade da família para ajudar na renda familiar, derivada da venda dos produtos agrícolas no comércio informal da cidade. Josaphat migrou para a capital, Porto Príncipe, para ingressar no ensino superior, contudo, encontrou dificuldades em ingressar na universidade, tendo realizado três tentativas para ingressar na UEH. Por fim, matriculou-se numa instituição particular - a qual não foi nomeada durante a realização desta pesquisa. Em Porto Príncipe, dividia apartamento com outros amigos da mesma cidade. A renda para garantir seus estudos vinha do aluguel de um apartamento da família. Com o terremoto que atingiu o Haiti em 2010, o apartamento foi todo destruído e a família perdeu as condições para manter os estudos dele. Josaphat retornou para casa com o desejo de buscar alternativas para seguir estudando. Por meio de um amigo, soube do Programa Pró-Haiti e inscreveu-se para vir ao Brasil. Chegou em

⁷ Programa Emergencial em Educação Superior no Brasil instituído pelo governo brasileiro em 2010, cujo objetivo era ajudar na reconstrução do Haiti por meio da formação de recursos humanos. Em seu início, o programa ofereceu 500 bolsas para estudantes universitários haitianos cujas universidades foram atingidas pelo terremoto daquele ano para terminarem seus estudos no Brasil. Dessas 500 bolsas, apenas 78 estudantes foram selecionados e matriculados nas instituições de ensino superior no Brasil até 2016 (ALPHONSE; MACEDO, 2017).

2013 no Brasil e se estabeleceu em Florianópolis. No primeiro ano de sua estadia no Brasil, trabalhou em serviços gerais. Em seguida, sua companheira também migrou para o Brasil. Durante o período da pesquisa, ela residia em Florianópolis e ajudava financeiramente o companheiro. Josaphat conseguiu ingressar na Universidade Federal da Integração Latino-Americana e por fim chegou na UFSM em 2017, atraído pelo programa e pela assistência estudantil oferecida pela universidade.

Inserção e dilemas metodológicos do trabalho de campo

O contato com os estudantes se deu por intermédio do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional (Migraidh), o qual trabalhou diretamente na elaboração e implementação da Resolução UFSM nº 041/2016. Ambas as autoras estavam diretamente vinculadas ao Migraidh, a primeira como membra da Comissão de Permanência e a segunda como coordenadora de linha de pesquisa. A Comissão de Permanência, atividade de extensão do Migraidh, tinha por objetivo acompanhar o processo de adaptação dos estudantes ao contexto acadêmico e realizou reuniões semanais durante o segundo semestre de 2017 com o intuito de escutar as demandas dos ingressantes. Durante esse período, uma das autoras participou dessas reuniões e entrou em contato direto com o grupo de ingressantes através da Comissão de Permanência.

A primeira fase desta pesquisa foi, portanto, a construção de uma relação de confiança entre os estudantes e uma das autoras, com base nas relações de troca estabelecidas dentro do ambiente acadêmico. Dado o reconhecimento da situação de vulnerabilidade dos estudantes, a universidade garantiu o Benefício Socioeconômico, programa de assistência estudantil, do qual os beneficiários têm acesso à moradia estudantil e à gratuidade no Restaurante Universitário. A distribuição dos estudantes entre os apartamentos é feita de forma autônoma entre as direções das Casas do Estudante, após a aprovação do Benefício Socioeconômico pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil. Pontuamos que para o ingresso do estudante num apartamento, os moradores mais

antigos devem aceitar o novo morador, portanto, o estabelecimento depende de afinidades pré-estabelecidas. Esse foi um ponto de dificuldade dos ingressantes do ano de 2017, quando muitos esperaram aproximadamente seis meses para acessar um apartamento. Assim como já demonstrado em outras pesquisas sobre migração haitiana (CONTIGUIBA *et al.*, 2015; MAGALHÃES, 2017; SILVA, 2016), a inserção sociocultural é dificultada devido às barreiras linguísticas, culturais e raciais. Além disso, havia por parte deles a expectativa de dividir apartamento com os conterrâneos a fim de conseguir sentirem-se em casa mesmo tão longe. Ao acompanharmos e auxiliar nesses processos de integração à burocracia universitária, a relação de confiança com os estudantes foi se fortalecendo.

A segunda fase da presente pesquisa aconteceu no ano de 2018 quando, de fato, se iniciou a pesquisa de campo, com observação participante e entrevistas abertas. A presente pesquisa foi apresentada aos estudantes durante as reuniões realizadas aos sábados no hall do Restaurante Universitário, ponto de encontro de muitos estudantes, pois é o espaço que dá acesso às Casas Estudantis e à União, moradia provisória dos estudantes recém-chegados à universidade. Nessas reuniões aos sábados, os estudantes sentavam-se no gramado em frente ao hall do Restaurante com o intuito de conversar sobre acontecimentos em seus países de origem, principalmente sobre a política local. Aqueles que moravam separados tinham a oportunidade de falar com seus conterrâneos em seus próprios idiomas. Como a maioria dos ingressantes é de origem francófona, o idioma integrador era o francês, mas não era raro escutar os haitianos falando em *créole*. A partir dessas reuniões, surgiu o Comitê Representativo de Imigrantes e Refugiados da UFSM com o objetivo de dialogar com a universidade conforme as demandas dos estudantes. A eleição do Comitê aconteceu segundo regras propostas pelos próprios ingressantes como, por exemplo, só podia se candidatar aqueles que haviam ingressado no semestre anterior; o candidato que se atrasasse no dia da votação seria automaticamente excluído; só poderia se candidatar para um cargo. Foram propostos seis cargos, dos quais foram eleitos Timas como presidente e Josaphat como tesoureiro,

Fatustin (outro interlocutor haitiano) como vice-presidente, um estudante da Costa do Marfim como delegado e de Cuba, o conselheiro. Durante o ano de 2018, o Comitê realizou algumas reuniões com representantes da universidade, cuja principal pauta foi a acessibilidade linguística e a necessidade de bolsas, pois muitos dos estudantes abandonaram postos de trabalho para estudar e, com isso, havia dificuldade financeira para se manter estudando.

Com o Comitê, percebe-se o desejo dos haitianos em construir espaços de agência dentro da estrutura da universidade, a fim de dialogar com os órgãos responsáveis pela inserção deles no ambiente acadêmico. Entendemos agência a partir da autora Sherry Ortner, que compreende a agência como “moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos)” (ORTNER, 2007, p. 380). Dentro da estrutura universitária, o Comitê tem pouco peso e reconhecimento. Contudo, para esses jovens ingressantes, fazer parte desse ambiente significa, de algum modo, continuar atuando minimamente para garantir que sua voz seja ouvida. Segundo os interlocutores da presente pesquisa, faz parte do modo de ser haitiano essa busca por inteirar-se politicamente do que acontece ao seu redor.

Além de acompanhar as reuniões coletivas, foram realizadas entrevistas abertas com os sete estudantes citados anteriormente, cuja temática das perguntas eram a trajetória deles até o Brasil, onde eles estudaram no Haiti, como e por que eles decidiram migrar, a condição econômica das famílias. As entrevistas aconteceram na sala do Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFSM ou na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais e Humanas, onde há salas individuais, o que resguardava a intimidade dos estudantes e possibilitava um diálogo mais aprofundado sobre aspectos da vida privada de cada um.

A pesquisa foi realizada somente com estudantes homens, pois as mulheres ingressantes, que eram em número reduzido, não se disponibilizaram a participar da pesquisa. Além disso, a participação das mulheres em momentos de discussão política, como as

reuniões organizadas pelo Comitê, era limitada. É preciso levar em conta a constituição das desigualdades de gênero no Haiti, cuja participação das mulheres na política é baixa. Segundo Louis Dantil (2016), há um entendimento de que a política haitiana é suja, portanto, inapta à participação das mulheres, vistas como elemento indispensável para o equilíbrio do lar. Um dos fatores que alargam a diferença na participação das mulheres em espaços políticos é o acesso à educação, conforme os dados apresentados pelo Ministério de Educação e Formação Profissional (MENFP, sigla em francês). São elas as mais prejudicadas no processo de exclusão sistemática promovido pelo Estado haitiano.

De acordo com Nascimento e Thomaz (2010, p. 22), a participação das mulheres haitianas em cursos superiores tem se mantido “extremamente baixo ao longo dos anos, e isso apesar de um desempenho escolar equiparável (ou mesmo melhor, diriam muitos) ao dos seus colegas”. Ainda de acordo com os dados apresentados por esses autores, apenas o curso de enfermagem, no caso da UEH, e medicina, nas faculdades particulares, as mulheres tiveram presença significativa. Na UFSM, as ingressantes haitianas estão matriculadas em enfermagem, odontologia e fisioterapia. Dessas estudantes, uma havia tentado ingressar em medicina e foi realocada para fisioterapia.

Revolução e resistência no Haiti

Durante a realização desta pesquisa, escutamos repetidas vezes a história da Independência contada pelos interlocutores com muita paixão e orgulho, mesmo aqueles que acreditam que o Haiti está fadado a obedecer ao “internacional” (referindo-se à França e aos Estados Unidos). Percebeu-se que a Revolução Haitiana é o ponto inicial da narrativa da “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008). Por isso, esta seção apresenta um breve contexto da Revolução Haitiana, que como todo processo revolucionário, envolveu várias contradições e jogos de poder, os quais não conseguiremos atingir nesta breve análise.

Vale a pena destacar que na historiografia hegemônica, essa revolução não recebeu nenhum destaque. O antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot (1995) aponta que a produção histórica sobre a Revolução Haitiana se constituiu num silenciamento, ao apagar os fatos e banalizar a ação revolucionária. Além disso, o autor destaca que o “silenciamento da Revolução Haitiana também se ajusta ao rebaixamento num segundo plano histórico dos três temas aos quais estava ligada: racismo, escravidão e colonialismo” (TROUILLOT, 1995, p. 98, tradução nossa). Esse silenciamento produzido pelo Ocidente, principalmente pela França, também se reflete na América Latina. No caso do Brasil, “o medo do haitianismo” foi uma das causas de nossa independência numa busca de conter revoltas escravas no país (SILVA, 2009). Com esse medo, o Brasil também silenciou esse episódio da história latino-americana.

A “Pérola das Antilhas”, apelido de Saint-Domingue, que durante o período colonial foi uma das mais lucrativas colônias europeias nas Antilhas, fundada a partir do trabalho de escravizados, na monocultura, sobretudo o açúcar, e em grandes latifúndios. Para compreender esse período colonial haitiano, recorremos a Frantz Fanon, cuja obra, *Os condenados da terra* (1997), nos auxilia a compreender a estrutura colonial. Para o autor, o mundo colonial é dividido em dois e o que causa essa divisão é o pertencer ou não a uma espécie, uma raça.

A permanência desse mundo dual é demarcada pela raça, elemento fundador da modernidade e o componente essencial para a colonização. De acordo com Homi Bhabha (2007), o estereótipo é construído num processo ambivalente, onde se constitui como uma forma de conhecimento e identificação de algo que está no seu lugar e algo que se espera que se repita. Por exemplo, a respeito do imaginário colonial sobre o negro, Bhabha demonstra como se concebe o estereótipo nesse processo ambíguo.

O negro é ao mesmo tempo **selvagem** (canibal) e ainda o mais **obediente** digno dos servos (o que serve a comida); ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia, **inocente como uma criança**; ele é místico, **primitivo**, simplório e, todavia, o mais escolado e acabado dos mentirosos e manipulador de forças sociais (BHABHA, 2007, p. 126, grifo do autor).

Conforme Michel-Rolph Trouillot (1995), para os intelectuais do Iluminismo e para os colonizadores, uma revolução tal como aconteceu no Haiti era impensável, pois os negros escravizados não pertenciam à categoria universal de homem. Trouillot transcreve um texto de um colono francês as vésperas da insurreição haitiana que demonstra como o estereótipo de obediente, inocente, primitivo e selvagem estava no imaginário colonial. O texto diz o seguinte: “Não há movimento entre os nossos Negros... Eles não pensam nisso. **Eles são muito tranquilos e obedientes.** Uma revolta entre eles é impossível... Não temos nada a temer por parte dos negros... **Os negros são muito obedientes e sempre serão**” (TROUILLOUT, 1995, p. 72, grifos nossos). Essa perspectiva de docilidade e obediência imposta aos negros escravizados resultou na imprevisibilidade da Revolução Haitiana.

Consequência dessa cegueira colonial foi a irrupção da violência emancipadora do colonizado em 1791, mostrando que “o povo, a quem se disse que não entendia outra linguagem que não fosse a da força, resolve expressar-se através da força” (FANON, 1997, p. 81). A revolução negra foi produzida por escravizados e ex-escravizados que tiveram a oportunidade de se alfabetizarem, como Touissant L’Overture. Conforme James (2010, p. 146), “Touissant tinha a primazia da liberdade e igualdade, as palavras de ordem da Revolução. Elas eram grandes armas em uma era de escravos, mas as armas devem ser usadas e ele as usou com a graça e a habilidade de um esgrimista”. L’Overture foi o grande artífice da Revolução Haitiana, negociando com franceses, ingleses, espanhóis, sendo ao mesmo tempo admirado e temido pela população haitiana.

Outro líder da Revolução, Jean-Jacques Dessalines, derrotou o Exército Napoleônico em 1º de janeiro de 1804 na cidade de Gonaives, sob o lema “liberdade ou morte” e concluiu o processo da Independência do Haiti. A escolha do nome original da Ilha de Atyi (Haiti) marca a recusa em permanecer sob a dominação francesa. Imitando o colonizador, Dessalines se autoproclamou Imperador, implantando um Estado autocrático (BUCK-MORSS, 2011). A política econômica posta em marcha durante o governo de Dessalines desagradou grupos que foram apoiadores de Touissant. Este foi o caso de proprietários

de terras, mulatos, cujos contratos de arrendamento da terra, feitos com os franceses emigrados, se tornaram inválidos. Somente aqueles que lutaram no exército insurgente tinham o direito de vender a safra do ano de 1804 (LUNDAHL 1985). As ações de Dessalines, durante o estabelecimento da nova nação, aparecem nas narrativas dos nossos interlocutores positivadas, conforme demonstra a fala de Josaphat:

- Isso as pessoas não falam sobre o meu país. Nós demos as armas e comida para o Simon Bolívar lutar pela independência da Colômbia também. Se você for um dia para lá [Colômbia], vai ver que tem uma estátua do Alexandre Pétion.

- Além do Alexandre Pétion, vocês têm outro herói nacional que vocês têm muita ligação? [pergunta uma das autoras durante o trabalho de campo]

- Ah claro! Nós haitianos somos muito ligados aos soldados que lutaram pela independência. Tem o L'Overture, que acabou com a escravidão, o Dessalines é o nosso pai, ele declarou a independência em 1804, como você disse antes. Ele era nacionalista, nosso primeiro líder, **morreu pela reforma da grande propriedade**. Para você entender melhor, é parecido com o cercamento da Inglaterra, o Dessalines queria titular as terras das pessoas. No começo, ele não queria dividir as terras em pequena propriedade, aí ele foi morto. Depois dele, o Pétion que eu te disse antes dividiu as terras (Josaphat, 38 anos, estudante de economia, entrevista concedida em 2017).

A respeito das intenções de Dessalines sobre o domínio público das terras há algumas controvérsias⁸, contudo, optamos pela explicação que corrobora com os relatos dos nossos interlocutores. Segundo essa explicação, Dessalines, preocupado com a segurança do território haitiano, monopolizou as terras a fim de conseguir custear o material bélico para a proteção do país numa provável tentativa de retorno dos franceses. Para as classes mais populares haitianas, Dessalines estava ao lado dos desprovidos de propriedade, objetivando realizar a reforma agrária, conforme o discurso abaixo exposto:

Antes de pegarmos nas armas contra Leclerc, os homens de cor (mulatos) não receberam qualquer herança de seus pais. Porque, então, depois de afugentarmos todos os plantadores, seus filhos reivindicam suas propriedades: os negros cujos pais estão na África, eles deveriam receberem nada? [...] Tenham cuidado, negros e mulatos, nós todos lutamos contra os

⁸ De um lado, temos teóricos como James Leyburn, argumentando que Dessalines deu início a uma sociedade de castas quando tomou as terras de mulatos, filhos de franceses, que foram deserdados a partir de 1804. Por outro lado, autores como David Nicholls propunham que a intenção de Dessalines era promover uma justiça social através da redistribuição das terras.

brancos: as propriedades que conquistamos ao derramar nosso sangue pertencem a todos nós: eu pretendo que eles sejam compartilhados com equidade (LUNDAHL, 1985, p. 92).

Se nas classes populares Dessalines entrou para a memória coletiva como um herói, para a aristocracia haitiana ele deveria ser esquecido. Após seu assassinato em 1806, o Haiti foi dividido em dois países com regimes diferentes: Alexandre Pétion (presidencial) e Henri Christophe (reinado). O primeiro foi o responsável pelo apoio militar a Simón Bolívar quando este foi derrotado na Venezuela e se refugiou no Haiti, na parte sul. Já o segundo, no norte do Haiti, realizou grandes obras arquitetônicas, como Citadelle Laferrière. Segundo relato de um dos ingressantes haitianos, depois do assassinato de Dessalines, o povo ficou proibido de falar o nome dele por 60 anos.

Para nós, filhos daqueles que sofreram as humilhações e o martírio da escravidão, só podemos ver a primeira manifestação do sentimento de igualdade racial, sentimento de que Dessalines permaneceu a personificação simbólica no Haiti. É necessário honrar a memória deste homem de ferro que uniu a bravura inigualável, o temperamento do vigilante e o heroísmo do libertador. No culto patriótico dos haitianos, culto que todas as nações devotam aos grandes homens que lhes deram uma glória ou uma benção inapreciável, seu nome deve brilhar por cima de todos seus companheiros na glória, porque o seu papel histórico é desproporcionalmente maior, como ele estava no primeiro cargo nos momentos mais críticos. Ele foi o primeiro, ele deve ser o primeiro a ser honrado (FIRMIN, 1885, p. 544-545, tradução e grifos nossos).

A Revolução Haitiana ocorreu ligada às estruturas étnico-religiosas⁹, sendo Dessalines uma das figuras públicas a ser absorvido no panteão do *Vodu* (JENSON, 2012). No *Vodu*, Dessalines é associado à divindade *Ogou Desalin*, o espírito guerreiro cuja mensagem principal é “o mais poderoso também pode ser o mais vulnerável e vice-versa” (DAYAN, 1995, p. 33). No *Vodu* haitiano, muitos *Iwa* (divindades) são retratados como figuras importantes na história militar do país, como é o caso da linha de Ogou¹⁰, Deus da

⁹ Referência à cerimônia do *Vodu*, Bois Caïman, realizada em 1791 pelo sacerdote Dutty Boukman e Cécile Fatiman. Uma cerimônia ora interpretada como “mito de origem” da nação, ora como um fato histórico. Para melhor compreensão, ler Baptista (2014).

¹⁰ Ogou é um *Iwa*, deus do *Vodu*, cuja origem é a África Ocidental, onde hoje é a Nigéria. Deborah Jenson (2012) discorre sobre como a tradição oral *Vodu* se transforma em outra forma de historiografia, que mantém vivo o conhecimento cultural das nações escravizadas durante o processo de colonização e independência no Haiti.

Guerra. A Revolução Haitiana, única insurreição de escravizados bem-sucedida, teve como consequência “feroz nacionalismo haitiano que tem orgulho e consciência como nenhum outro país afro-atlântico. Os haitianos combatem seu status como um dos grupos mais baixos na escala econômica em Nova York reiterando símbolos da independência” (MCALISTER, 2002, p. 204, tradução nossa). Ainda de acordo com a autora, heróis nacionais, como Dessalines, receberam status mítico tanto no Haiti como na diáspora, sendo constantemente invocados à unidade haitiana. A seguir, compartilhamos as falas dos nossos interlocutores sobre a Revolução Haitiana e seus efeitos nas relações internacionais do país no pós-Independência. Os dois relatos destacam os embargos econômicos durante o século XIX, bem como a participação do país noutros processos revolucionários na América Latina.

Ela [Revolução Haitiana] é uma referência aos outros povos que sofriam com o sistema escravagista. As grandes potências da época não queriam reconhecer a Independência. Mesmo a Igreja Católica demorou, só lá em 1860, por aí, eles enviaram um monsenhor para reconhecer o país. O Haiti foi boicotado desde a Independência. Nós ajudamos a Bolívia, Peru e Venezuela a pegar a Independência (Faustin, 37 anos, estudante de estatística, entrevista concedida em 2017).

Quando meu **papa Dessalines declarou a Independência em 1804**, o internacional nunca perdoou. Tivemos que pagar para ter nossa independência reconhecida e depois disso o internacional cobrou cada branco que morreu na nossa revolução. Pode pesquisar a história do meu país, tem muito golpe lá. Se o internacional não gosta do presidente, ele arruma um jeito de desestabilizar o país.

- Quem é esse internacional que tu tá dizendo? [pergunta uma das autoras durante o trabalho de campo]

- É Estados Unidos e França. Eles derrubam o presidente quando ele se nega a cumprir alguma ordem deles. Mas nós somos um povo de resistência desde a nossa independência. Por isso eu te disse antes: é obrigação de todo haitiano saber sua história porque ela é muito bonita e nós não temos medo de contar. **Somos da resistência** (Joan Luck Joseph, 25 anos, estudante de engenharia da computação, entrevista concedida em 2017).

A partir das falas dos sujeitos desta pesquisa, evidencia-se que o nacionalismo haitiano é acentuado na diáspora. Destacamos o significado da Revolução para esses jovens haitianos. Ela é um símbolo de resistência e de exemplo para a comunidade negra, que naquela época estava sob o jugo da escravidão. Os interlocutores ressaltam esse episódio

para recordarem-se dos feitos que deram liberdade ao seu povo e, principalmente, do que o Haiti já foi, uma potência militar capaz de derrotar Bonaparte. Eles têm a consciência que as mazelas do Haiti de hoje vêm do “internacional”, que nunca perdoou essa revolução.

Narrativas haitianas sobre as relações raciais no Brasil

Na perspectiva dos interlocutores desta pesquisa, na universidade, eles foram mais bem recebidos do que no trabalho, segundo aqueles que tiveram experiências laborais. Há apenas um caso de estudante que foi mal recebido por um técnico administrativo ao buscar uma disciplina complementar de graduação (DCG). Conforme o relato de Timas, ao buscar a DCG no curso de medicina, foi mal recebido pelo responsável por atender esses pedidos. Segundo ele, o técnico nem olhou em seu rosto, jogou o papel numa pasta e disse: “a turma já está lotada”. E ele disse: “mas outros colegas do meu curso deixaram hoje o pedido e o resultado oficial é só daqui a dois dias”. Timas diz não se lembrar muito bem o que o técnico teria respondido, mas que era algo como: “nesse curso você não irá cursar nenhuma disciplina”. Conversando com Timas, ele disse que talvez compreendesse o motivo do acontecimento: “essas coisas que a gente sabe né, o racismo. Mas não posso afirmar nada. Talvez ele tivesse num péssimo dia. Não quero me complicar com a universidade. Ainda quero conquistar o meu lugar no curso do meu sonho”.

Nas relações com os brasileiros na universidade, recaem sobre os estudantes haitianos dois estigmas: o racial e a nacionalidade. Ao discutirmos a questão racial com os interlocutores, percebeu-se que deveríamos adotar outros procedimentos para dialogar com eles devido à complexidade do tema em questão. Em nossos diálogos, quando perguntávamos diretamente: “você viveu algum caso de racismo no Brasil?” A resposta era negativa. Então, seguíamos questionando se conheciam algum caso de racismo com conterrâneos aqui no Brasil. Logo, apareciam relatos, que minimizavam a experiência do racismo, haja vista que as violências eram em palavras e não em atos. Optamos então por

analisar as repostas entrelaçadas às suas trajetórias, buscando compreender o padrão explicativo sobre as relações raciais no Brasil.

Memória coletiva sobre a diáspora

O primeiro grupo de respostas refere-se à comparação com experiências migratórias precedentes, de parentes e amigos. Nesses relatos, o Brasil aparecia como um paraíso racial se comparado com a França e os Estados Unidos. Entretanto, os mesmos interlocutores que negam a percepção do Brasil como um país racista também apresentam relatos de conhecidos que passaram por situações constrangedoras cujo teor racial é explícito. De acordo com Handerson (2015), muitos haitianos viveram situações de racismo generalizadas em outros lugares, cujos direitos básicos foram negados, inclusive a cidadania, ao negarem certidões de nascimentos para os filhos de haitianos nascidos nesses lugares. Com essa “bagagem” da memória coletiva sobre a diáspora, o Brasil é visto e narrado pelos haitianos como um lugar sem racismo, uma “democracia racial”.

Quando são perguntados sobre as relações com os estudantes brasileiros na universidade, dizem que a universidade os recebe muito bem. Contudo, nos relatos, aparece uma “solidão” dos estudantes haitianos com relação aos colegas brasileiros. Essa solidão é similar àquela sofrida por estudantes negros brasileiros, cujo fenótipo negro é mais acentuado. Nas interações sociais esses negros brasileiros são preteridos pelos colegas, como demonstram pesquisas empíricas (CAMISOLÃO, 2020; ROSA; ALVES, 2021). No caso dos estudantes haitianos, ela é aprofundada devido às barreiras linguísticas e culturais. Sobre as experiências vividas pelos negros, Frantz Fanon (2008) nos mostra como nas relações o sujeito negro vai sendo relegado a uma categoria inferior de humanos a partir dos olhares do sujeito branco. “Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto!” (FANON, 2008, p. 108). O esquema corporal desse homem

transforma-se, na perspectiva de Fanon, num “esquema epidérmico racial”, ocupando lugar determinado por terceiros (FANON, 2008, p. 105).

No cotidiano desses estudantes, a identidade haitiana resiliente é questionada pela imagem construída a partir do estigma do país como um Estado arcaico. A maioria dos estudantes tem inúmeros relatos de colegas brasileiros questionando a capacidade dos haitianos em ingressarem na universidade, uma vez que em suas perspectivas no Haiti haveria somente pessoas analfabetas.

Eu antes não perguntava na aula porque era tímido. Não estava acostumado com o clima da universidade aqui. Agora já estou mais maduro, se tem trabalho em grupo e não encontro pessoas pra fazer junto, vou lá e faço sozinho. Não me importo se a pessoas não querem falar comigo. Antes eu me sentava no fundo, agora me sento na frente, se não entendo faço pergunta (Josaphat, 38 anos, estudante de economia, entrevista concedida em 2017).

No caso de Josaphat, essa desconexão com a turma pode ser explicada: a) pela diferença geracional, pois a maioria dos colegas tem entre 17 e 25 anos; b) pela nacionalidade, pois já relatou que ouviu dos companheiros de turma: “Nossa! Você é haitiano e está na universidade! Lá não é todo mundo analfabeto?”; c) pelo fenótipo, possui os traços negroides acentuados. Um último elemento a explicar a desconexão com os colegas é a proximidade somente entre os ingressantes da Resolução UFSM nº 041/2016, como uma das autoras percebeu ao participar de atividades no prédio do curso de relações internacionais e encontrou os haitianos deste curso separados dos demais estudantes conversando entre si em *créole*. Por uma busca de fazer o “aqui” e o “lá”, vimos os estudantes haitianos buscando o aconchego entre os seus e, por vezes, se distanciando dos brasileiros.

Outra fala recorrente entre os interlocutores é aquela que denuncia o lugar que o Haiti ocupa na mídia internacional, como é o exemplo abaixo:

Os jornalistas vivem de vender o seu jornal. Quando eles vão para o meu país ele não vai falar da praia bonita, não vai chamar os outros para vir lá no verão, não vai falar coisa positiva. O que o jornalista vai falar do meu país é a pobreza, a fome, só coisa ruim. Vai fazer propaganda para ajudar para eles ganharem.

Ninguém vai lembrar que o Haiti tem praia, tem beleza, que é o Caribe¹¹ (Joan Luck Joseph, 25 anos, estudante de engenharia da computação, entrevista concedida em 2017).

Essa fala de Joan Luck Joseph exemplifica a denúncia que esses estudantes fizeram sobre o lugar do Haiti na mídia internacional. A mídia produz estereótipos que ajudam a materializar as imagens do Haiti como um Estado vazio à espera da intervenção internacional. O Haiti é *orientalizado* pela mídia ao mostrar apenas aspectos que contribuem para configuração da imagem de um país “irracional, depravado, infantil” (SAID, 2007, p. 73). Segundo Said, o Orientalismo “é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o ‘Oriente’ e (na maior parte do tempo) o ‘Ocidente’” (SAID, 2007, p. 29). Como resultado, o Orientalismo é “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p. 29). Além do Orientalismo, explicamos a produção dessas imagens a partir da colonialidade, “lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36), cujos efeitos alimentam as desigualdades. Quijano (2009) aponta que a colonização da América Latina, a partir da classificação racial e étnica das populações não-europeias, foi a referência legitimadora da colonialidade, sendo o elemento mais específico do padrão mundial de poder capitalista eurocentrado. Jean Casimir (2012, p. 2), ao analisar as relações entre América Latina e o Haiti, afirma que “A América Latina se concebe como um segmento específico do Ocidente”. Por isso, apesar do Brasil também ser orientalizado em alguns aspectos, aqui se reproduz a categorização de outros países a partir dos parâmetros estereotipados hegemônicos ocidentais.

Além disso, os interlocutores desta pesquisa constroem suas narrativas a despeito das relações raciais no Brasil com base no histórico de insubmissão do Haiti, principalmente pela memória coletiva construída em torno dos heróis da Independência. A partir de

¹¹ As falas dos interlocutores não estão entre aspas porque muitas vezes colocamos palavras para que a frase fizesse sentido. Dessa forma, não anotamos exatamente a fala dos interlocutores e, sim, uma interpretação das falas, pois, pelo fato de não permitirem que gravassem as entrevistas, muitas falas foram transcritas de acordo com as lembranças de uma das autoras, após a coleta do dado.

Halbwachs (2006), compreendemos por memória a elaboração feita pelos sujeitos desta pesquisa, no presente, de acontecimentos do passado. Ainda de acordo com o autor, as lembranças são sempre coletivas, mesmo que pertençam somente a um indivíduo, pois a memória individual está inserida em contextos sociais, sendo resultado da interseção da história e de identidades coletivas (HALBAWACHS, 2006). Os nossos interlocutores, quando questionados sobre as relações raciais no Brasil, respondiam que não enxergavam como o negro brasileiro, porque eles, em suas perspectivas, sempre lutaram para não serem dominados. Com isto, os interlocutores, apesar de reconhecerem as dificuldades enfrentadas pelo Haiti diante do “internacional” - termo usado por eles para referirem-se à França e aos Estados Unidos -, também afirmam que “quem é filho de Dessalines não abaixa a cabeça” para explicar por que eles não vão desanimar diante dos obstáculos nas relações sociais com os colegas brasileiros.

Por exemplo, o brasileiro acha que se uma pessoa não se senta com outra isso é racismo, eu acho que não. Talvez sim, talvez tenha discriminação na universidade, mas pra mim quem não quer falar comigo é porque não quer falar. Tô aqui pra estudar, se formar e ir embora, se a pessoa não quer falar comigo, não tem problemas. Agora se ela me xingar e for fisicamente aí, sim, eu sei que é racismo, aí vou buscar me defender (Joan Luck Joseph, 25 anos, estudante de engenharia da computação, entrevista concedida em 2017).

A partir dessa fala de Joan Luck Joseph, analisaremos as concepções que a maioria dos interlocutores tem sobre as relações raciais no Brasil. Primeiro ponto é que, como a maioria da população haitiana é negra, muitos se descobrem negros no estrangeiro, repetindo assim a experiência de Frantz Fanon ao descobrir-se negro na França. “Algumas coisas eu achei diferente do que eu imaginava. Quando pegou o ônibus, todo mundo era branco. Pesquisei na internet e dizia que tinha mais negro do que branco. Achei estranho! Saí de um país onde todo mundo é negro igual” (Josaphat, 38 anos, estudante de economia, entrevista concedida em 2017).

É possível perceber que a identidade nacional e a história haitiana são peças importantes para compreender o entendimento dos estudantes sobre as relações raciais no Brasil. Há uma hierarquização no que importa através das experiências vividas. Com isto, argumentamos que os interlocutores acionam símbolos diacríticos da identidade

nacional como escudo de proteção para as situações de discriminação, sejam de ordem racial ou de origem nacional. Eles evocam os heróis da Independência para resgatar esse passado glorioso, que para eles não deve ser esquecido mesmo que estejam vivendo no estrangeiro. Por outro lado, existe também a pressão para continuar os estudos, pois como todos estão na Casa do Estudante, eles se esforçam ao máximo para cumprir com as exigências acadêmicas para permanecer com o Benefício Socioeconômico. É pelo peso que representa uma reprovação nas disciplinas que eles focam “apenas no que é importante” e não dão muita significância para as relações com os colegas brasileiros.

Eu não dou importância para onde eu for. Eu sou de viagem, tenho minha identidade definida e minha história. Sabemos hoje que a xenofobia e o racismo existem, e isso afeta os direitos humanos. Quando acontece e se sabe que acontece tem que lutar. Eu não tenho problema em ser eu. Sou estrangeiro e tenho minha história e minha identidade. **Acredito que qualquer haitiano que tem sangue de Papa Dessalines tem que ter orgulho de sua identidade, de sua pele e de sua história.** Não é porque tu vai mudar que vai destruir tua história. [...] Todo dia olho no espelho e digo: Obrigado Deus por ter nascido um negro tão bonito assim! (Timas, 25 anos, estudante de enfermagem, entrevista concedida em 2017).

A experiência haitiana na migração confere aos interlocutores recursos para driblar as adversidades que aparecem nas relações dentro da universidade. O acúmulo de relatos de parentes e amigos das dificuldades vividas nos diversos países da diáspora haitiana e a própria experiência daqueles que passaram por outros países antes de fixarem-se no Brasil permite que o “sou de viagem” seja um dos elementos centrais na persistência do projeto migratório haitiano. No relato de Timas, há uma positivação do estigma racial a partir da experiência da viagem e do orgulho da história nacional. Esses três elementos garantem a ele e aos demais interlocutores um alento para enfrentar as adversidades que encontram vivendo no Brasil.

Considerações finais

Os estudantes haitianos minimizam o racismo e as discriminações que sofreram cotidianamente no Brasil quando comparam essas experiências com as experiências de

racismo enfrentadas por familiares e amigos que viveram em países como França e Estados Unidos. Enfim, a experiência da diáspora haitiana anterior à chegada ao Brasil aparece aqui como um dos elementos explicativos das suas interpretações sobre as relações raciais no Brasil.

Outro elemento explicativo diz respeito à memória coletiva da Independência Haitiana e envolve o fato de o Estado haitiano resultar de uma revolução cuja base é a liberdade e a constituição de cidadania àqueles que eram vistos como mercadoria, os escravizados. Nesse sentido, um dos resultados encontrado neste trabalho é que a memória social da Revolução Haitiana é a base da “comunidade política imaginada” (ANDERSON, 2008), que é recriada a cada narração que esses estudantes fazem do passado de seu país. Esses jovens querem o direito de migrar em busca de melhores oportunidades, mas também demonstram o amor que sentem pela comunidade haitiana e o desejo de ver a pátria com condições de ser um país além dos estereótipos. Quando enfrentam o preconceito racial e o racismo no Brasil, não dando importância a pequenas adversidades cotidianas que dizem respeito às relações raciais, justificam essa postura pela sua história de resistência “quem é filho de Dessalines não baixa a cabeça”.

Além disso, os dados aqui analisados nos mostram também que as interpretações dos interlocutores desta pesquisa sobre as relações raciais no Brasil integram as estratégias desses estudantes para sobreviverem no ambiente acadêmico e alcançarem êxito no projeto migratório por meio da obtenção do diploma universitário. Quando questionados sobre as situações que para nós brasileiros soavam como racistas, muitos diziam: “você não sabe metade do que eu já passei na vida, se cada vez que alguém virar a cara para mim na faculdade eu me importar gastaria o tempo que tenho pra estudar”. Nos parece, mediante isso, que os estudantes haitianos não dão importância para as adversidades cotidianas relacionadas ao preconceito racial e ao racismo no Brasil quando essas adversidades dificultam a realização do seu projeto migratório, ou seja, se tornam um empecilho para realizar o seu maior desejo que é o diploma universitário.

O orgulho de sua história, identidade e pele é encontrado em diversos graus entre os interlocutores, pois cada um tem uma perspectiva diferente sobre esses elementos. Eles vieram ao Brasil buscando melhores oportunidades e, principalmente, o projeto de cursar o ensino superior. Alguns trabalharam, como foi o caso de Joan Luck Joseph, Loverture, Josaphat e Faustin. Outros, como Brunel e Timas, tiveram a oportunidade de apenas estudarem. Como o trabalho de campo se deu dentro do ambiente acadêmico, poucos foram os relatos de racismo explícito por parte de professores e colegas, o que o diferencia de outros trabalhos empíricos que lidaram com migrantes trabalhadores, como é o caso de Handerson (2015), Guilherme (2017) e Diehl (2017). Contudo, o ambiente acadêmico não está isento do racismo. Apenas ressaltamos uma das estratégias de proteção tomadas pelos estudantes haitianos que é a de preferirem ignorar pequenos acontecimentos, como o caso de os colegas não aceitarem fazer trabalho em grupo.

Procuramos demonstrar que esses jovens vieram ao Brasil com muitos sonhos, os quais pretendem continuar buscando seja onde puderem. Contudo, devemos nuançar que as experiências deles são diversas e que a mobilidade é um marco cultural presente, mas não determinante de suas perspectivas. Sabemos que os interlocutores aqui apresentados não representam a população haitiana, que tem sérios índices de subdesenvolvimento e de baixo acesso à educação. Contudo, com os relatos desses sujeitos buscamos apresentar a pluralidade que existe na mobilidade haitiana, os sonhos que atravessam fronteiras. Encerramos esse artigo com preocupação com o cenário que se aproxima, no Brasil, de cortes dos investimentos públicos em educação, reduzindo a concretização do sonho do ensino superior, o tornando mais distante para os haitianos. Desde o segundo semestre de 2018, não houve ingresso de imigrantes e refugiados, haja vista os cortes no orçamento e conseqüentemente na assistência estudantil da universidade.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANGLADE, Georges. **Atlas critique d'Haïti**. Montréal: ERCE et CRC. Groupe d'Études et de Recherches Critiques d'Espace. Département de Géographie, Université du Québec à Montréal. Centre de Recherches Caraïbes de l'Université de Montréal, 1982.

ALPHONSE, Fritznel. MACEDO, José Rivair. O Programa Pró-Haiti nas universidades públicas brasileiras (2011-2016). Campinas: **Temáticas**, ano 25, n. 49/50, pp. 233-270, fev/dez, 2017.

BAPTISTA, José Renato. Bois Caiman: as metáforas da história e a realidade dos mitos na construção da identidade (inter)nacional do Haiti. **Teoria e Cultura**, v. 9, n. 2, 2014.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. Tradução Sebastião Nascimento. **Novos Estudos Cebrap**, n. 90, p. 130-171, 2011.

BRODWIN, Paul. Marginality and subjectivity in the Haitian diaspora. **Anthropological Quarterly**, v. 76, n. 3, p. 383-410, 2003.

CAMISOLÃO, Rita de Cássia dos Santos. **Cartografia do acolhimento**: escrituras do estudante negro na UFRGS. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

CASIMIR, Jean. O Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 10, n. 2, p. 1-22, jul./dez., 2012.

COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel *et al.* Inserção sociocultural de haitianos em Porto Velho: o ensino e aprendizado da língua portuguesa. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé**, v. 1, n. 5, p. 43-53, 2015.

DANTIL, Louis. **Desigualdad y participación política de las mujeres en Haití**: entre luchas, obstáculos y logros. Buenos Aires: Clacso, 2016.

DAYAN, Joan. **Haiti, history and gods**. Berkley: University of California Press, 1995.

DIEHL, Fernando. **Estrangeiro em uma terra estranha**: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FIRMIN, Antenor. **De l'égalité des races humaines**. Paris: Lib. Cotillon, 1885.

GUILHERME, Ana Júlia. **Imigrantes haitianos e senegaleses no Brasil**: trajetórias e estratégias de trabalho na cidade de Porto Alegre – RS. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

HAITI. Ministère de L'éducation Nationale et de La Formation Professionnelle. **Plan Opérationnel 2010-2015 Des Recommandations du Groupe de Travail sur l'Éducation et la Formation**. Port-au-Prince, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora**. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HURBON, Laënnec. **O Deus da resistência negra**: o vodu haitiano. São Paulo: Paulinas, 1987.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Overture e a Revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

JENSON, Deborah. Jean-Jacques Dessalines and the African character of the Haitian revolution. **The William and Mary Quarterly**, v. 69, n. 3, p. 615-638, 2012.

JOINT, Louis Auguste. Sistema educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 181- 191, mai./ago., 2008.

LUNDAHL, Mats. Defense and distribution: agricultural policy in Haiti during the reign of Jean-Jacques Dessalines, 1804-1806. **The Scandinavian Economic History Review**, v. 32, n. 2, p. 77-103, 1985.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina**: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. Tese (Doutorado em Demografia). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica à razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MCALISTER, Elizabeth. **Rara!** Vodou, power and performance in Haiti and its diaspora. Los Angeles: University of California Press, 2002.

- NASCIMENTO, Sebastião; THOMAZ, Omar Ribeiro. **Da crise às ruínas**: impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti. Brasília: Ministério da Educação/Capes, Programa Pró Haiti, 2010.
- ORTNER, Sherry. B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 375-405, 2007.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura Souza e MENEZES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*, 2009.
- ROSA, Evellyn Gonçalves da; ALVES, Míriam Cristiane. Estilhaçando a máscara do silenciamento: movimentos de (re)existência de estudantes negros/negras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 2021.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- STEPICK, Alex. Haitian Boat People: a study in the conflicting forces shaping U.S. Immigration Policy. **Law & Contemp. Probs.**, v. 45, p. 163, 1982.
- SILVA, Maria Odila. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2009.
- SILVA, Sidney A. Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 88, p. 139-152, 2016.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past**: power and the production of history. Boston: Beacon Press, 1995.
- UEBEL, Roberto. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o RS no início do século XXI**: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa. Dissertação (Mestrado em Geografia), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

ZACAÏR, Philippe; REINHARDT, Catherine. Introduction. *In*: ZACAÏR, Philippe (ed.). **Haiti and Haitian diaspora in the wider Caribbean**. Gainesville: University of Florida, 2010.